

A garota que  
você deixou  
para trás



A garota que  
você deixou  
para trás

JOJO MOYES

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © Jojo Moyes, 2012

TÍTULO ORIGINAL

The Girl You Left Behind

PREPARAÇÃO

Denise Scofano

REVISÃO

Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899g

Moyes, Jojo, 1969-

A garota que você deixou para trás / Jojo Moyes ; tradução  
Adalgisa Campos da Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.  
384 p. ; 23 cm.

Tradução de: The girl you left behind

ISBN 978-85-8057-471-5

1. Romance inglês. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

13-07735.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2014]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

A Charles, como sempre



# Parte 1



## St Péronne Outubro de 1916

Eu estava sonhando com comida. Baguetes crocantes com o miolo branquinho, recém-saídas do forno, e um queijo maduro, as bordas escorrendo quase para fora do prato. Uvas e ameixas, em pilhas altas em tigelas, escuras e cheirosas, perfumando a casa toda. Eu estava prestes a esticar o braço para pegar uma quando minha irmã me segurou.

— Deixe-me em paz — murmurei. — Estou com fome.

— Sophie. Acorde.

Eu podia sentir o gosto daquele queijo. Ia pegar um naco de Reblochon, passar um pouco num pedaço do pão quentinho e jogar uma uva na boca. Já podia saborear a doçura acentuada, sentir o aroma intenso.

Mas lá estava a mão da minha irmã no meu pulso, me segurando. Os pratos foram sumindo, os aromas se dissipando. Quis pegá-los, mas eles se desfizeram no ar, como bolhas de sabão.

— Sophie.

— *O quê?*

— Eles estão com Aurélien!

Virei de lado e pisquei. Como eu, minha irmã usava um gorro para se agasalhar. Mesmo à luz fraca da vela, seu rosto estava sem cor e os olhos, arregalados do choque.

— Estão com Aurélien. Lá embaixo.

Minha mente começou a clarear. Dava para ouvir homens gritando no andar de baixo, suas vozes ecoando no pátio de pedra, as galinhas cacarejando no galinheiro. Havia uma vibração terrível no ar da noite fechada. Sentei-me na cama, apertando a camisola em volta do corpo, tentando acender a vela na mesa de cabeceira.

Passei por ela aos tropeções e fui até a janela; vi os soldados lá no pátio, iluminados pelos faróis do veículo deles, e meu irmão mais novo protegendo a cabeça com os braços, tentando se esquivar das coronhadas que lhe acertavam.

— O que está havendo?

— Eles sabem do porco.

— O quê?

— Monsieur Suel deve ter denunciado a gente. Ouvi do meu quarto os homens gritando. Estão dizendo que vão levar Aurélien se ele não contar onde está o porco.

— Ele não vai dizer nada — informei.

Estremecemos ao ouvir nosso irmão gritar. Mal reconheci minha irmã naquele momento: ela parecia ter vinte anos mais do que os seus vinte e quatro. Eu sabia que o meu semblante espelhava seu medo. Isso era o que havíamos temido.

— Há um Kommandant com eles. Se descobrirem — murmurou Héléne, com pavor na voz —, vão prender todos nós. Você sabe o que aconteceu em Arras. Vão nos usar como exemplo. O que vai ser das crianças?

Minha cabeça estava a mil, temendo que meu irmão falasse e me fizesse passar por idiota. Enrolei um xale nos ombros, fui na ponta dos pés até a janela e olhei lá para baixo. A presença do Kommandant sugeria que aqueles não eram apenas soldados bêbados querendo compensar as frustrações com algumas agressões e ameaças: estávamos em apuros. A presença dele significava que havíamos cometido um crime que deveria ser levado a sério.

— Vão descobrir, Sophie. Vai levar uns minutos. E depois... — Héléne levantou a voz, entrando em pânico.

Deu um branco em meus pensamentos. Fechei os olhos. E logo depois os abri.

— Desça — ordenei. — Diga que não sabe de nada. Pergunte a ele o que Aurélien fez de errado. Fale com ele, distraia-o. Só me dê algum tempo antes de eles entrarem na casa.

— O que vai fazer?

Agarrei o braço da minha irmã.

— Vá. Mas não diga nada a eles, entendeu? Negue *tudo*.

Minha irmã hesitou, depois saiu correndo do quarto, com a camisola esvoaçando às suas costas. Não tenho certeza se já me senti tão só quanto naqueles poucos segundos; o medo me apertava a garganta, e o peso do destino da minha família estava sobre mim. Entrei correndo no escritório do papai e vasculhei desesperadamente as gavetas da imponente escrivaninha, jogando

tudo no chão — canetas velhas, pedaços de papel, peças de relógios quebrados e contas antigas —, agradecendo a Deus quando afinal encontrei o que procurava. Então desci apressada, abri a porta da adega e continuei a descer, pisando os frios degraus de pedra com passos tão firmes que quase não precisei do clarão trêmulo da vela. Abri a tranca pesada da adega dos fundos, que já estivera abastecida até o teto de barris de cerveja e bons vinhos, afastei um dos tonéis vazios e abri a porta do velho forno de pão em ferro fundido.

O leitãozinho, ainda na fase de engorda, piscou sonolento. Pôs-se de pé, espiou-me de sua cama de palha e grunhiu. Com certeza já contei sobre ele. Nós o soltamos quando confiscaram a fazenda de Monsieur Girard. Como uma dádiva divina, ele se perdeu na confusão, afastando-se dos outros leitões que eram colocados na traseira de um caminhão alemão, e logo foi engolido pelas grossas saias da vovó Poilâne. Havia semanas que o alimentávamos com bolotas e restos, na esperança de engordá-lo até que alcançasse tamanho suficiente para que tivéssemos alguma carne. A ideia daquele torresmo, daquela carne molhadinha, foi o que sustentou os moradores do Le Coq Rouge durante todo o mês.

Ouvi meu irmão gritando de novo no pátio, depois a voz da minha irmã, urgente e aflita, interrompida pelo tom brusco de um oficial alemão. O porco me olhou com olhos inteligentes e sagazes, como se já soubesse o que lhe esperava.

— Sinto muito, *mon petit* — sussurrei —, mas esse é mesmo o único jeito.

E passei a mão nele.

Em questão de minutos, eu estava do lado de fora. Havia acordado Mimi, dizendo-lhe apenas que ela devia me seguir, mas ficar calada — a menina já tinha visto tanta coisa naqueles últimos meses que obedecia sem questionar. Ela olhou para mim abraçada a seu irmãozinho bebê, deslizou para fora da cama e segurou minha mão.

O ar estava frio com a chegada do inverno, e pairava o cheiro de fumaça de lenha do breve fogo que tínhamos conseguido acender mais cedo. Vi o Kommandant através do arco de pedra da porta dos fundos e hesitei. Não era Herr Becker, que conhecíamos e desprezávamos. Era um homem mais magro, barba escanhoadá, impassível. Mesmo no escuro, eu enxergava inteligência, não ignorância bruta, em seu rosto, e fiquei com medo.

Esse novo Kommandant olhava de forma especulativa para as nossas janelas, talvez analisando se a casa poderia fornecer um acantonamento mais adequado do que a fazenda dos Fourrier, onde dormiam oficiais alemães mais graduados. Acho que ele sabia que a posição elevada da nossa casa ofereceria vantagem. Ali

havia estábulos para os cavalos e dez quartos, da época em que nossa casa era o hotel próspero da cidade.

Hélène estava no chão, protegendo Aurélien com os braços.

Um dos homens erguera o rifle, mas o Kommandant levantou a mão.

— Fiquem de pé — ordenou-lhes.

Hélène recuou aos tropeços, afastando-se dele. Vi o rosto dela, crispado de medo.

Senti a mão de Mimi apertar a minha quando ela viu a mãe, e apertei a dela, embora estivesse com o coração na boca. E saí da casa.

— O que está acontecendo, meu Deus do céu?

Minha voz ecoou no pátio.

O Kommandant olhou na minha direção, surpreso com o meu tom: uma jovem passando pelo arco de entrada do pátio da fazenda, tendo agarrada à barra da saia uma criança chupando o dedo e ao peito, outra, enrolada em cueiros. Meu gorro estava meio torto, minha camisola branca de algodão já tão surrada que eu nem sentia o tecido encostado em minha pele. Rezei para que ele não ouvisse o palpitar quase audível do meu coração.

Interpelei-o:

— E por qual suposta irregularidade seus homens vieram nos punir agora?

Calculei que ele não ouvia uma mulher falar com ele daquele jeito desde a última vez que saíra de casa. O silêncio que se abateu sobre o pátio era impregnado de espanto. Meus irmãos, no chão, viraram-se, para me ver melhor, sabendo muito bem aonde tal insubordinação poderia nos levar.

— E você quem é?

— Madame Lefèvre.

Notei que ele procurou ver se eu usava aliança. Não precisava se dar o trabalho: como a maioria das mulheres em nossa região, havia muito tempo eu a vendera para comprar comida.

— Madame. Temos informações de que a senhora está abrigando animais clandestinos.

O francês dele era passável, sugerindo postos anteriores no território ocupado, e sua voz era calma. Aquele não era um homem que temia o inesperado.

— Animais?

— Soubemos de fonte confiável que a senhora mantém um porco em casa. Deve estar ciente de que, de acordo com as diretrizes, a pena por sonegar animais domésticos da administração é a prisão.

Enfrentei o olhar dele.

— E sei exatamente quem lhe deu essa informação. Foi Monsieur Suel, *non?*

Minhas bochechas estavam vermelhas, e meu cabelo, preso numa trança comprida caída em meu ombro, parecia elétrico. Formigava na minha nuca.

O Kommandant virou-se para um dos subordinados. O olhar de soslaio do homem lhe disse que aquilo era verdade.

— Monsieur Suel, Herr Kommandant, vem aqui pelo menos duas vezes por mês tentando nos persuadir de que, na ausência de nossos maridos, precisamos da sua marca especial de conforto. Como optamos por não aproveitar sua suposta bondade, ele nos paga com boatos e uma ameaça às nossas vidas.

— As autoridades não agiriam se a fonte não fosse fidedigna.

— Eu argumentaria, Herr Kommandant, que esta visita sugere o contrário.

O olhar que ele me dirigiu foi impenetrável. Depois, virou-se e se encaminhou para a porta da casa. Fui atrás dele, meio que tropeçando nas saias ao tentar acompanhá-lo. Eu sabia que o simples ato de interpelá-lo com tanta audácia poderia ser considerado um crime. No entanto, naquele momento, eu já não sentia medo.

— Olhe para nós, Kommandant. Será que o nosso aspecto é de quem está se banquetecendo com carne bovina, cordeiro assado e lombo de porco? — Ele se virou, olhando rapidamente meus pulsos ossudos, visíveis sob os punhos da camisola. Eu perdera cinco centímetros de cintura só naquele último ano. — Será que estamos grotescamente gordos com a fartura do nosso hotel? Sobraram três galinhas das doze que tínhamos. Três galinhas que temos o prazer de criar e alimentar para que seus homens possam pegar os ovos. Nós, enquanto isso, vivemos com o que as autoridades alemãs julgam ser uma dieta: rações cada vez menores de carne e farinha, e pão feito com um farelo de trigo tão pobre que não o usaríamos para alimentar nossos animais.

Ele estava no pátio dos fundos; seus passos ecoavam nas lajes do chão. Hesitou, depois se encaminhou para a entrada e gritou uma ordem. Um soldado apareceu do nada e entregou-lhe uma lâmpada.

— Não temos leite para alimentar nossos bebês, nossos filhos choram de fome, adoecemos de inanição. E mesmo assim o senhor vem aqui no meio da noite apavorar duas mulheres e agredir um garoto inocente, nos bater e nos ameaçar, porque ouviu dizer de um homem imoral que estamos nos *banqueteando*?

Minhas mãos tremiam. Ele viu o bebê se contorcer, e percebi que eu estava tão tensa que o apertava demais. Recuei, ajeitei o xale, cantarolei para ele. Depois, levantei a cabeça. Não conseguia disfarçar a amargura e a raiva em minha voz.

— Reviste a nossa casa, então, Kommandant. Vire-a de cabeça para baixo e destrua o pouco que ainda não foi destruído. Reviste todas as dependências

externas também, aquelas que os seus homens ainda não saquearam para as necessidades deles. Quando encontrar esse porco mítico, espero que seus homens se regalem com ele.

Enfrentei seu olhar por mais tempo do que ele poderia esperar. Pela janela, eu via minha irmã limpando os ferimentos de Aurélien com a saia, tentando estancar o sangue. Havia três soldados alemães parados junto a eles.

Meus olhos haviam se acostumado com a escuridão, e vi que o Kommandant fora pego desprevenido. Seus homens, com o olhar hesitante, aguardavam que lhes desse ordens. Ele poderia instruí-los a saquear completamente a casa e prender todos nós para pagar por meu extraordinário rompante. Mas eu sabia que ele pensava em Suel, que poderia ter sido induzido a erro. Ele não parecia ser o tipo de homem que gostasse da possibilidade de ter cometido um erro.

Quando eu e Édouard jogávamos pôquer, ele ria e dizia que eu era uma adversária impossível, pois minha expressão nunca revelava meus verdadeiros sentimentos. Eu me obrigava a lembrar aquelas palavras: esse era o jogo mais importante que eu jogaria na vida. Ficamos nos olhando, o Kommandant e eu. Senti, por um breve instante, o mundo inteiro parar à nossa volta: eu ouvia o rugido distante da artilharia no *front*, a tosse da minha irmã, o alvoroço de nossas pobres galinhas esqueléticas, perturbadas no galinheiro. O barulho se desvaneceu até apenas ele e eu estarmos frente a frente, apostando na verdade. Juro que eu ouvia meu coração batendo.

— O que é isso?

— O quê?

Ele ergueu a lâmpada, e uma tênue luz dourada iluminou precariamente o quadro: um retrato meu que Édouard pintara quando nos casamos. Lá estava eu, naquele primeiro ano, com o cabelo cheio e lustroso em volta dos ombros, a pele clara e viçosa, e um olhar seguro de quem é amado. Eu o tirara do esconderijo havia várias semanas, dizendo à minha irmã não ter a menor intenção de deixar os alemães decidirem o que eu devia contemplar na minha própria casa.

Ele levantou um pouquinho mais a lâmpada para poder ver melhor o retrato. “Não o coloque aí, Sophie”, avisara Hélène. “Vai dar problema.”

Quando ele finalmente se virou para mim, pareceu custar-lhe muito tirar os olhos do quadro. Olhou para o meu rosto, depois de novo para o retrato.

— Foi pintado pelo meu marido.

Não sei por que senti necessidade de lhe dizer isso.

Talvez fosse a certeza de minha justa indignação. Talvez fosse a diferença visível entre a garota do quadro e a que estava diante dele. Talvez fosse a

criança loura que chorava aos meus pés. Quem sabe até os Kommandants, depois de dois anos nesse cargo, estivessem cansados de nos importunar por faltas triviais.

Ele olhou mais um pouco para o quadro, depois para o chão.

— Acho que ficou claro, Madame. Nossa conversa não está encerrada. Mas não vou incomodá-la mais esta noite.

Ele captou minha expressão de surpresa mal controlada, e vi que aquilo satisfazia algo em seu íntimo. Talvez fosse suficiente para ele saber que eu acreditara estar condenada. Era esperto, esse homem, e sutil. Eu teria que tomar cuidado.

— Homens.

Os soldados se viraram, obedecendo cegamente, como sempre; saíram em direção ao veículo, e suas silhuetas desenhadas contra a luz dos faróis. Segui-o e fiquei parada em frente à porta. A última coisa que ouvi dele foi a ordem dada ao motorista para seguir para a cidade.

Esperamos enquanto o veículo militar voltava para a estrada, com os faróis sondando os buracos da pista. Hélène começara a tremer. Levantou-se cambaleante; a mão com os nós dos dedos brancos espalmada na testa, os olhos fechados. Aurélien estava parado de forma esquisita ao meu lado, segurando a mão de Mimi, envergonhado de suas lágrimas infantis. Esperei os últimos barulhos do motor morrerem. Ele gemia na ladeira, como se também estivesse agindo sob protesto.

— Está machucado, Aurélien?

Toquei na cabeça dele. Ferimentos superficiais. E hematomas. Que tipo de homens atacavam um garoto desarmado?

Ele estremeceu.

— Não doeu — disse. — Eles não me assustaram.

— Pensei que fossem prendê-lo — disse minha irmã. — Pensei que fossem prender todos nós. — Eu ficava com medo quando ela apresentava aquele aspecto: como se estivesse balançando à beira de um vasto abismo. Ela enxugou os olhos e deu um sorriso forçado ao se agachar para abraçar a filha. — Alemães bobos. Eles nos deram um susto, não? *Maman* é boba por se assustar.

A menina observou a mãe, calada e solene. Às vezes eu me perguntava se algum dia veria Mimi sorrir de novo.

— Desculpe-me. Agora estou bem — prosseguiu. — Vamos todos entrar. Mimi, temos um pouco de leite, que vou esquentar para você. — Enxugou as mãos na camisola ensanguentada e as estendeu para eu lhe dar o bebê. — Quer que eu pegue Jean?

Comecei a tremer convulsivamente, como se tivesse acabado de me dar conta de quão apavorada eu devia ter ficado. Minhas pernas estavam bambas, a força fluindo para o solo. Queria desesperadamente me sentar.

— Sim — respondi. — Acho melhor.

Minha irmã estendeu o braço, depois deu um gritinho. Aninhado nas mantas, bem enroladinho de modo a ficar pouco exposto à friagem da noite, estava o focinho cor-de-rosa e peludo do leitãozinho.

— O Jean está dormindo lá em cima — expliquei.

Apoiei uma mão na parede para não cair.

Aurélien olhou por cima do ombro dela. Todos olhavam para o bicho.

— *Mon Dieu.*

— Ele está morto?

— Anestesiado. Eu me lembrei que Papa tinha um vidro de clorofórmio no escritório, da época em que colecionava borboletas. Acho que vai despertar. Mas vamos ter que encontrar outro lugar para guardá-lo quando eles voltarem. E você sabe que vão voltar.

Então Aurélien sorriu, um raro e demorado sorriso de alegria. Hélène se abaixou para mostrar a Mimi o leitãozinho desacordado, e elas riram. Hélène ficava tocando no focinho dele, tapando o rosto com a mão, como se não conseguisse acreditar no que segurava.

— Você ficou com o porco na frente deles? Eles vieram aqui e você segurou o bicho na cara deles? E depois brigou com eles por *virem aqui*?

Sua voz era de incredulidade.

— Na fuça deles — disse Aurélien, que de repente parecia ter recuperado um pouco da pose. — Rá! Você segurou o bicho na fuça deles!

Eu me sentei no chão e comecei a rir. Ri até ficar com o rosto dormente e não saber se ria ou chorava. Meu irmão, talvez temendo que eu estivesse histérica, pegou a minha mão e se encostou em mim. Ele tinha quatorze anos, e às vezes se irritava como um homem, outras vezes tinha uma necessidade infantil de segurança.

Hélène continuava mergulhada em seus pensamentos

— Se eu soubesse... — disse ela. — Quando você se tornou tão corajosa, Sophie? Minha irmãzinha! Quem deixou você assim? Você era tímida quando éramos crianças. Tímida!

Eu não tinha certeza se sabia a resposta.

Então, quando finalmente voltamos para casa, enquanto Hélène se ocupava com a leiteira e Aurélien começava a lavar o rosto magro maltratado, fiquei parada diante do retrato.

Aquela garota, a garota com quem Édouard se casara, me olhava com uma expressão que eu já não reconhecia. Ele vira isso em mim muito antes de todo mundo: aquele sorriso expressava conhecimento, satisfação dada e recebida. Orgulho. Quando seus amigos parisienses descobriram o inexplicável amor dele por mim — uma vendedora de loja —, ele se limitara a sorrir, porque já via essa expressão em mim.

Eu nunca soube se ele entendia que ela só existia por causa dele.

Fiquei ali olhando para a garota e, por alguns segundos, me lembrei de como era ser ela, sem sentir fome nem medo, interessada apenas nos momentos que eu poderia ficar a sós com Édouard. Ela me fazia lembrar de que o mundo era capaz de beleza e que já havia existido coisas — arte, alegria, amor — que enchiam o meu mundo, em vez de medo, sopa de urtiga e toque de recolher. Vi Édouard na minha expressão. E então percebi o que eu acabara de fazer. Ele me lembrara da minha própria força, que ainda restara dentro de mim para lutar.

Quando você voltar, Édouard, juro que serei de novo a garota que você pintou.